

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

SANDRO TUBAIKARE

**REFLEXÕES SOBRE O MENINO DE TADARIMANA DENTRO DA
CULTURA BORORO**

**Barra do Bugres
2016**

SANDRO TUBAIKARE

**REFLEXÕES SOBRE O MENINO DE TADARIMANA DENTRO DA
CULTURA BORORO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientadora: Prof.^a Ma. Dulcilene Rodrigues Fernandes

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

T884r TUBAIKARE, Sandro.

Reflexões sobre o menino de Tadarimana dentro da cultura Bororo / Sandro Tubaikare. – Barra do Bugres, 2016. – Barra do Bugres, 2016. 31 f. ; 30 cm. (ilustrações) II. (preto e branco).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Profa. Ma. Dulcilene Rodrigues Fernandes.

1. Povo *Boe Bororo*. 2. Conhecimentos Indígenas. 3. Iniciação do Menino. 4. Escola. I. Fernandes, D. R., Ma. II. Título

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

SANDRO TUBAIKARE

**REFLEXÕES SOBRE O MENINO DE TADARIMANA DENTRO DA CULTURA
BORORO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 14 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Dulcilene Rodrigues Fernandes
Professora Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Professora Avaliadora

Prof. Me. Isaias Munis Batista
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, que suportou minha ausência nestes anos de estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelos dons recebidos por me fazer capaz de elaborar este Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço aos meus pais (*in memoriam*) por me fazer acreditar na Educação e pelo incentivo aos estudos por mais que fosse incompreensivo ir à escola quando pequeno.

Agradeço a comunidade Bororo da aldeia Tadarimana por ter me dado a oportunidade de estudar e me apoiar construindo, assim, um conhecimento escolar e também para a vida social.

Agradeço a UNEMAT por ter me dado a oportunidade de fazer parte de seu Projeto que é Faculdade Indígena Intercultural, e me dado o conhecimento e abertura para discutir as Políticas de Educação Escolar Indígena juntamente com os meus colegas de outras etnias de Mato Grosso.

Agradeço a FUNAI por fazer a logística dos alunos para o deslocamento de nossas aldeias para as Etapas Presencial e Intermediária.

Agradeço a minha Professora Dulcilene Rodrigues Fernandes por me orientar neste trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço a minha Esposa Sueli Baigaredo, por me incentivar a nunca desistir dos estudos, apesar das dificuldades enfrentadas.

Agradeço a Comunidade Indígena da Aldeia Tadarimana, na pessoa do Cacique Cícero Tarzan da Silva Kudoropa, por ter me dado a carta de apoio para fazer parte do grupo de acadêmicos da Turma 2012 do curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

RESUMO

O meu povo Boe Bororo celebra a vida e a morte. Comemoramos o nascimento, mas é o Funeral o nosso maior momento de celebração. É no Funeral que as mais importantes aprendizagens acontecem onde as crianças aprendem desde cedo sobre as nossas leis. Esse ensinamento que é repassado de pai para filho é para que o mesmo, um dia, possa colocar em prática tudo aquilo que aprendeu com ele. O menino, antes da sua iniciação, não pode caçar e pescar com as almas e os espíritos. Quando acontece o ritual, depois que ele é autorizado a ver *aije* que quer dizer alma, é considerado homem e está liberado para andar com as almas e com os *grandes* espíritos, podendo até se casar. A grande preocupação hoje é a falta de interesse das crianças e jovens para com os ensinamentos da cultura, preferindo saber sobre questões externas à aldeia. Os anciãos não desistem de ensinar, de falar e de aconselhar os meninos em relação a nossa cultura e, a escola hoje, pode contribuir com os ensinamentos que são necessários para que os nossos rituais continuem cheios de beleza e de mistérios mostrando o quanto são importantes para a nossa identidade indígena Bororo. A escola deve ensinar sobre as outras culturas e, principalmente, fortalecer as dos Boe Bororo que desde que nascem começam a receber os ensinamentos tradicionais. Este trabalho tem como objetivo de fazer uma reflexão sobre desinteresse dos meninos Boe Bororo, e um trabalho que ficara disponível para outros professores trabalharem. Hoje os meninos Boe Bororo estão deixando as práticas culturais como danças, pescaria, caçada, casamento, não estão respeitando e nossos anciãos estão velho e não podemos deixar isso acabar. Essa pesquisa foi realizada através de entrevista com o senhor Joaquim Toroa e minha sogra Berenice Xuaro.

Palavras-chave: Povo Boe Bororo. Conhecimentos indígenas. Iniciação do menino. Escola.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Clãs e Sub-clãs Boe Bororo.....	12
------------	---------------------------------	----

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
CAPÍTULO I - SOBRE O POVO <i>BORORO</i>	11
1.1 O Território Boe Bororo: antigamente e na atualidade	11
1.2 Os xamãs dos espíritos e das almas	13
1.3 Os principais Rituais.....	14
1.4 Funeral Bororo: o ritual sagrado.....	14
1.5 Cobertura do cadáver e primeira execução do canto <i>Marenaruie</i>	14
1.6 A arte Bororo	17
CAPÍTULO II - O <i>BOE BORORO</i> E A EDUCAÇÃO TRADICIONAL E A EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	18
2.1 Educação Indígena Bororo	18
CAPÍTULO III - O CICLO DE VIDA DO MENINO BOE BORORO NA CULTURA TRADICIONAL	21
3.1 O menino Boe Bororo	21
3.2 A Iniciação do Menino Bororo	22
3.3 O cotidiano do menino	24
3.4 História da Escola de <i>Tadarimana</i>	25
3.5 A Escola de <i>Tadarimana</i> hoje	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
CONSULTORES NATIVOS.....	29

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de trazer uma reflexão sobre o meu povo *Boe-Bororo*, em relação a luta pela preservação de suas tradições culturais. Como todos os povos indígenas, nós *Bororo*, temos muitas histórias, muitos ensinamentos, segredos culturais que vem sendo repassados de geração à geração, desde os nossos ancestrais. E a grande preocupação está nessa nova geração que está com outros interesses, deixando os ensinamentos tradicionais de lado. Farei, no decorrer deste TTC, um breve relato sobre aspectos da nossa cultura onde se comprovará a necessidade e a importância dos ensinamentos tradicionais para a formação das crianças e jovens da comunidade.

O menino, desde pequeno, começa a receber os ensinamentos sobre as regras da aldeia e do povo. A criança *Bororo*, ao nascer, é levada pela família do pai até a casa da avó, onde a criança passa por todo um ritual de purificação e proteção, é pintada e unguida com remédio para que cresça firme e forte. Dentro da cultura *Bororo*, é usada uma metodologia da observação, ou seja, a língua não é ensinada, a criança aprende ouvindo e praticando com seus pais em casa e com a comunidade. Quando a criança vai crescendo, no caso do menino, passa a ser considerado companheiro do pai, onde aprende sobre os afazeres do homem.

Precisamos continuar ensinando os nossos filhos e meninos da aldeia, os pais jovens devem, ao sair para caçar, fora do funeral, levar junto o seu filho, onde o ensinará sobre os remédios para ter sorte de animais de porte grande e médio, ensinar também sobre e aves e animais que podem servir de alimento e aqueles que só podem ser consumidos, depois de benzidos pelo pajé e também aqueles que servirão de oferenda para um finado.

O pai e os parentes do menino, ensinam também que não pode sair por aí matando certos animais, porque pode acontecer algo de errado com ele ou alguém da família.

Esse ensinamento que é repassado de pai para filho é para que o este um dia aprenda a colocar em prática tudo aquilo que aprendeu com o pai. Mas, não pode caçar e nem pescar com as almas. E é no ritual de passagem do menino para adolescência que ainda é possível se ensinar conhecimentos necessários para se desenvolverem conhecimentos sobre a cultura e sobre os rituais do povo. Geralmente esta é uma prática realizada no momento do Funeral, quando o adolescente recebe os conselhos e ensinamentos dos responsáveis pela iniciação e da família para manter as leis em segredo, em relação aos meninos que não vivenciaram a iniciação e das mulheres que não podem saber nunca.

Com este trabalho, pretendo aproximar a escola com a realidade da aldeia, transformando este num material de consulta e de incentivo na valorização e no respeito da

cultura Boe-Bororo. Pretendo com este mostrar os sentimentos do povo para com aspectos importantes do desenvolvimento do menino Bororo dentro das leis tradicionais e como a escola poderia colaborar para que os ensinamentos da comunidade fossem respeitados e valorizados, também dentro da instituição escolar.

Esta pesquisa foi realizada em entrevista com o senhor Joaquim Toroa, primeiramente expliquei para ele sobre o meu trabalho, e diz a ele para ficar a vontade, e o mesmo falou na língua materna foi gravado através de um aparelho celular, e eu transcrevi para o português. Possibilitou ter um contato mais próximo com alguns anciãos, onde tive a oportunidade de sentar com eles e ter longas horas de conversa sobre a nossa cultura. Percebi o quanto precisamos desses conhecimentos para nos tornamos mais forte e mais Bororo.

Assim ressalto a importância das informações repassadas pelos anciãos e familiares para que este trabalho pudesse tomar corpo e sentido. Agradeço a todos pelos momentos e encontros que juntos tivemos para discutirmos sobre a nossa cultura.

Portanto, este trabalho contribuirá para o fortalecimento da cultura Boe Bororo, será uma fonte de pesquisa para as crianças e jovens, dentro e fora da escola.

CAPÍTULO I - SOBRE O POVO *BORORO*

Neste capítulo, pretendo falar do nosso território, da nossa organização social/tradicional e falar de maneira especial do Funeral que é a cerimônia mais importante do povo Bororo.

1.1 O Território *Boe Bororo*: antigamente e na atualidade

Nós, povo da sociedade Bororo, nos autodenominamos *Boe*, que quer dizer gente. Com o decorrer da história e com o avanço do contato, foi se incorporando ao nome Bororo para a identificação do povo, mesmo que na nossa cultura a palavra Bororo significa pátio, o grande pátio central onde ocorre boa parte das cerimônias culturais e sagradas.

Contam os mais velhos que os nossos antepassados vieram do Rio Negro, passando pela Bolívia e que a nação Bororo esteve sempre dividida em várias regiões de Mato Grosso. No princípio, os *Bororo* ocupavam um território de mais de 48 milhões de hectares. A nossa área se estendia, desde um pouco além da divisa com a Bolívia, a Oeste, até além do rio Araguaia ao Sul de Goiás, alcançado o Triângulo Mineiro ao Leste. Desde a cabeceira do rio Cuiabá e Rio das Mortes, ao Norte, até as dos rios Coxim e Negro, ao Sul.

Havia os Bororo das Águas (Pantanal), ou seja, os *Pabotadawuge*; os *Bororo* do Rio São Lourenço (baixada cuiabana), *Ituratadawuge*; e, finalmente, os *Bororo* do cerrado/morros (Poxoréo até o Rio das Mortes): *Bokutadawuge* ou *Toritadawuge*.

Atualmente as Terras Indígenas Bororo demarcadas são: aldeia Gomes Carneiro com 25.694 hectares, pelo decreto 64.018/69 e pertence ao Município de Santo Antonio de Leverger, aldeia *Tadarimana* com 9.785 hectares, pelo decreto 684, pertence ao Município de Rondonópolis, aldeia *Merúri* com 82.301 hectares pelo decreto 76.999/76, que pertence Município de General Carneiro e aldeia Perigara com 10.740 hectares, pelo decreto 426/189.

A minha aldeia está localizada na Terra Indígena *Tadarimana*, que tem aproximadamente 10.000 hectares. Foi demarcada pelo decreto 684. Dentro da TI *Tadarimana*, existem as aldeias *Pobojari*, *Praião*, *Pobore*, *Jurige*, *Jatuiguru* e *Noidoguru*. No geral são compostas de aproximadamente 500 pessoas. Sabe-se que a língua Bororo não pertence a nenhum dos quatros principais troncos linguísticos do Brasil, ou seja, Tupi, Aruak ou karib. A língua falada pelo Bororo pertence ao tronco linguístico Macro-jê, e ainda rica, vivenciada e preservada por nós *Bororo* de *Tadarimana*.

As aldeias tradicionais Bororo são de forma circular e cortada ao meio por dois grandes clãs: de um lado *Tugarege* e de outro os *Ecerae*. As casas são construídas em círculo, na mesma distancia entre si e na mesma distância da casa grande central chamada “*bai mana gejúwu*”, ao redor, da casa central. A casa grande e o pátio são o centro da nossa vida cultural. Nós temos clã, que são os *Tugarege* e os *Ecerae* e também os sub-clãs que são:

Quadro 1 – Clãs e Sub-clãs Boe Bororo

Clã: <i>Tugarege</i>	Clã: <i>Ecerae</i>
Sub-clã	Sub-clã
<i>Arore</i>	<i>Baadojeba</i>
<i>Iwagududoge</i>	<i>Kie</i>
<i>Apiborege</i>	<i>Bokodoricerae</i>
<i>Paiwe</i>	<i>Bakorocerae</i>

Fonte: Sandro Tubaikare, 2016

Os moradores da aldeia são divididos em duas metades: os “*Ecerae*”, ao Norte e os “*Tugarege*”, ao sul. Cada metade compreende quatro clãs e cada clã, vários sub-clãs, como foi dito acima. Cada um tem seu lugar marcado, suas obrigações nas cerimônias, seus adornos, seus nomes e seus cantos.

Os moradores de uma metade só podem casar com os da outra. Os funerais de um finado são feitos pelos membros da outra metade. Dessa forma, cada metade é sempre devedora e credora da outra. Existem vários atos comunitários, realizados, muitas vezes, em forma de competição entre uma metade e a outra. A mulher é chefe da casa e o clã dela pertencem aos filhos. O marido sente-se mais à vontade na casa da própria mãe, do que na casa da esposa que frequenta depois de casado. Os homens passam a maior parte do tempo na casa grande, sendo que os solteiros púberes moram nela. As mulheres são admitidas nela só para acompanhar cantos de certas cerimônias. Em cada clã, os anciãos gozam de grande estima. Juntos, formam uma espécie de conselho da aldeia.

Hoje muita coisa mudou em *Tadarimana*, os casamentos não são mais como antigamente. Existe ainda hoje uma grande roda de casas, no entanto, há muitas casas que estão fora do grande círculo. Mas a roda persiste com umas poucas casas que parecem estar ali para sustentar o *Báito* ou casa dos homens com o seu grande pátio, onde ocorrem ainda hoje, muitas das nossas cerimônias, principalmente, o funeral.

1.2 Os xamãs dos espíritos e das almas

Papel importante tem o xamã dos espíritos, o “*bári*”. É o intermediário entre os espíritos e os *Bororo*. Exerce suas funções graças a tendências pessoais e não por eleição. Conhece os segredos da natureza, cura doenças, benze a caça, afasta os maus espíritos, adivinha o futuro, acompanha as caçadas rituais, tudo com grande gestos, gritos, cantos e fórmulas próprias. Um verdadeiro “*bári*” é muito estimado e temido por todos.

Em uma conversa com o ancião Joaquim Toroa, colhi informações sobre o papel do Bari na nossa sociedade. Ele me disse: *Um Bari, dentro da cultura Boe Bororo, não é escolhido pela comunidade, quem escolhe é o (bope) quer dizer demônio. Não é qualquer pessoa que é Bari, tem certa pessoa que pode ser Bari, tem também a mulher certa que pode ser Bari, como aquela mulher já falecida, esposa do senhor João Candido também falecido.*

Assim que o bope escolhe a pessoa, começa a tentação do bope em falar com ele. Se ele aguentar a tentação, pode ser Bari. O senhor Joaquim disse ter conhecido uma mulher Bari Iwagudogedu Pajepaga sua tia, não podendo ser qualquerq pessoa, não sei porque todos nos não somos Bari, então, Bari e assim bope que escolhe, a pessoa começa a falar certas coisas, mas e o bope que esta falando da sua boca.

É o bope que fala com Bari, assim me disse o finado Brasil ele não está falando à toa e o bope que esta passando a sua fala para falar com si mesmo. Somente Bari que sabe quando algo de ruim esta para acontecer, quando os pássaros cantam, nós não entendemos nada, já o Bari sabe quando o makao canta e o que estão dizendo, comunica a comunidade para queimar certo remédio do mato e passar, principalmente, nas crianças.

Assim que ele vira Bari, quando matam jugo, jui entregam pra ele benzer, no momento e o bope que esta benzendo ki, uwai, poru orarije entrega pra ele benzer, assim fazia antigamente com os Bari, beo, pari.

Quando saem para caçar matam uma anta entregam para ele benzer,isso e como um teste pra ver se realmente e Bari mesmo, só assim as pessoas passam a acreditar nele.

Além do Bari tem o Aroe etuwarare e ele quem dá de beber para os espíritos dentro do baito, quando vão dar de beber para as almas, ele também tem uma comunicação direta com os espíritos mortos que vivem aqui na terra, porque para nós Bororo quando morre tem espírito que vai para o céu e tem espírito que fica aqui na terra, cabe ao Bari também de ajudar o Aroe Etuwarare para invocar os espíritos para descerem para beber pobo que quer dizer água doce.

O senhor Joaquim Burudui, grande ancião, já é quase Bari, ele já consegue invocar ou conversar e até mesmo dar de beber ao aroe, espíritos já mortos. Quando as almas saem para

caçar ou pescar e não tem sorte, no dia seguinte, pega a mão do Aroe Etuwarare ou Bari levam para o mato dando cigarro pra ele, é ele que indica o caminho e faz as alma terem sorte matando muito peixe e bicho, antigamente usavam jorubo, hoje já não se praticam mais isso, hoje não temos Bari antigamente sempre teve, do jeito que esta acho que não vai ter mais Bari.

1.3 Os principais Rituais

O meu povo tem uma grande vida cerimonial, tanto de dia quanto de noite. Procuramos a paz com tudo que há na natureza e com o mundo dos espíritos. Muitas cerimônias são “*móri*”, que significa “recompensa” por um favor recebido ou “vingança” pela morte de alguém. Matando uma onça ou outro animal, pode-se “vingar” o defunto e oferecer o couro a um seu parente. Entre as cerimônias Bororo, lembramos a imposição do nome às crianças, a perfuração dos lóbulos das orelhas e do lábio inferior, a festa do milho novo, a preparação para a caçada ou a pescaria, a festa do couro da onça, do gavião real, do matador da onça.

1.4 Funeral Bororo: o ritual sagrado

A cerimônia mais rica dos *Bororo* é o funeral, os ritos começam com a morte e terminam com a sepultura definitiva de seus ossos, devidamente ornamentados, numa lagoa. Pode durar um mês, às vezes até três, pois é necessário esperar a decomposição do corpo para que se possa proceder à ornamentação dos ossos. O defunto, no primeiro enterro, é enrolado numa esteira e enterrado numa cova rasa no pátio, próximo a casa dos homens. Diariamente a cova é regada para acelerar o processo de decomposição. Durante esse período muitos rituais são realizados como danças, caçadas, refeições, representações de espíritos, abluções, escarificações, incineração dos pertences do finado e outros. Esses rituais são sempre acompanhados de cantos solene e longos entre os quais destacamos *Róia Kurireu, Marenarúie, Cibae Etawádu, Aróe Enogwári*.

1.5 Cobertura do cadáver e primeira execução do canto *Marenaruie*

No instante em que cessa a vida, o *Bororo* passa a ser considerado *AROE*, alma, e como tal não pode ser visto pelas mulheres e crianças. Por isso é, lhe imediatamente colocada uma

esteira sobre o corpo e um abanico sobre o rosto, enquanto a mãe, ou uma parenta, dá o aviso oficial da morte com altos e lancinantes gritos. Aproximam-se os chefes dos vários clãs e, um por vez, recitam cantos próprios do funeral.

Contemporaneamente tem início uma cena profundamente comovedora e repugnante. Parentes e amigos do morto começam a se escarificar e: recortam-se sem piedade o peito, os braços, as pernas, as coxas, o rosto, deixando cair sangue sobre o cadáver estendido no solo e recoberto de esteiras. Os prantos são os comuns, de dor e saudade, acompanhados de rituais

Há a queimação dos objetos mais gastos, deixados pelo defunto, os parentes do finado acendem um fogo perto de sua casa e nele queimam os objetos mais gastos e menos valiosos que ele usou durante a vida.

Falar de funeral me faz voltar num dos momentos mais tristes da minha vida que foi o funeral de minha mãe, e penso que aqui é um espaço onde posso descrever um pouco sobre esse sentimento tão particular que vivi alguns anos atrás.

Foi numa noite de domingo quando eu e minha esposa estávamos em São Paulo no ano de 2008 acompanhando nosso filho em tratamento de saúde. Por volta das 11 horas da noite, quando meu irmão me ligou avisando sobre o falecimento da nossa mãe, foi muito doloroso receber uma notícia dessa. Ao amanhecer, liguei para minha tia para saber o que ela estava pensando em fazer, ela me diz que o corpo já havia sido levado para o *baito* e que seria feito o funeral e depois já seria enterrado no centro da aldeia *baiadada* no centro da aldeia.

Quando cheguei, abracei meus dois irmãos e sobrinhos, estávamos bastante inconformados com a perda da nossa mãe. Era minha tia que segurava todos os pertences dela, *Aroe Etuje*, mãe das almas. Enquanto o corpo passava pelo processo de decomposição, foram feitas várias danças como: *Mano* que é feito com um tipo de talo bananeira em forma de roda pequena, homens, mulheres e crianças podem dançar com ele. Depois vem *Parabara*, que dizer taboca. Essa dança todos também participam. *Toro* quer dizer saia de palha, é feita em forma de saia, os homens vão para o mato pegam a palha ou broto de buriti tráz para o *baito*, somente os homens que podem dançar com *Toro*, mulheres, meninas moças dançam atrás do seu *Pariko*, que dizer grande diadema do seu clã.

Depois vem *kaidaga*, palha do cerrado, que somente os homens podem dançar, as mulheres e moças dançam atrás do seu *Pariko*, pertencente ao seu clã. Outra é *Iwodu*, que é uma folha larga que é vista somente na beira do rio, primeiro é feito *Buke Enareu* feito de *kodudu* em forma de rede e medido do pescoço até no joelho. Começam a amarrã nos espaços e os processos da dança é o mesmo do *toro*, depois tiram o marido e feito uma roda de talo de buriti, fazem dentro do *baito*. Os *Tugarege* fazem os deles e *Ecerae* faz os deles também. E à

tarde saem com ele para o pátio (bororo) para dançar ao redor do finado que ali está enterrado, neste caso, a minha mãe.

No funeral de minha mãe também teve o ritual chamado “*Marido*” *Imedu* que é dos *Ecerae* e *Aredu* que é *Tugaregedu*. Durante o funeral, o homem e sua esposa, que no caso da minha mãe, foi uma tia, que segurou todas as coisas da finada minha mãe. São chamados de *Aroe Etuje* e *Aroe Etuwo*, esses não podem assistir às danças, tomar banho, nem ter relação sexual, alguns conseguem ficar algum tempo sem comer, porque sentem muita falta dos entes queridos. Durante o funeral, acontecem também pescarias e caçadas, e somente os homens que podem participar.

Antigamente o corpo demorava mais ou menos um mês para se decompor, hoje em dia demora mais meses por causa do remédio. Depois que o corpo se decompõe, ficando somente os ossos, o capitão marca o funeral e comunica também a comunidade. Começa numa sexta feira, à tarde com o canto chamado *ekureuge*, em cima do “*kodo bakite*”, onde, no final, e colocado todos os ossos dentro. Cantam à noite inteira e, ao amanhecer, é levado o “*kodo*” para o *baito* para ser pintado e também cantam invocando os *aije*, (grande zunidor). A noite canta o, *marenaruié aroenogwari*, *roia mugureu*, *aroe ekeroiakiegebarege bakuajiuge*. Enquanto cantam o *ekureuge*, assim que amanhece os homens vão para *aije muga* (lugar sagrado longe das casas), para secar o crânio para enfeitar com pena de arara vermelha. Quando voltam do *aije muga* para o *baito*, a família do finado que são mulheres, vão ao encontro para pegar o *kodo kigadu* (cesta com o crânio ornamentado) e levam para dentro do *baito*, onde cantam o *roia kurireu koborigodu*.

Depois o *aroe enogwari merijiu*, tem *aroe ekebutu*, ficando dentro do *baito* somente os homens, onde as *aroe etujemage* mandam suas oferendas para as almas, depois disso todos podem entrar no *baito*, quando cantam o canto *roia mugureu merigiu* os homens fica num canto ornamentando o crânio e as mulheres se cortam com um pedaço de caco de vidro chamado de *tariga*, mostrando todo sentimento por aquela pessoa já em óbito. Depois vem o *aroe ekududodu*, quer dizer dar de beber para a alma já falecida, quem pode fazer isso é somente o *aroe etuwarare* que têm comunicação direta com eles. E um *bakoroceraedu* que inicia o canto chamado *cibaetawado*, isso já no período da tarde, depois vem o canto chamado *tuguo*, depois vem o canto chamado *roia kurireu*, dando o início sempre um *baadojeba*, enquanto cantam e colocado dentro do *kodo* todo o crânio e osso ornamentados. Assim que terminam de cantar, levam o *bakite* até onde ficavam todos os pertences, depois o *kabitaio* vai até lá cantar *juredoge e kiegebarege kurireuge*. No dia seguinte, é levado para lagoa ou cemitério onde a família preferir.

Isto tudo aconteceu no funeral da minha mãe e eu pude acompanhar todos os passos como um Bororo de verdade.

1.6 A arte Bororo

Nós, *Bororo*, somos bons artistas e cantores em nossa língua. A arte nasce de um grande conhecimento da natureza. Nos cantos falamos da beleza da paisagem, dos animais, das flores.

Nossos adornos são conhecidos pela variedade de combinações da matéria-prima, como madrepérola, metal, cabelos humanos, couros, dentes e unhas de animais, fibra de palmeira, penugem, algodão, urucum, resinas e cerol. Entre os enfeites destacam-se o “*pariko*”, os colares, os capacetes, os braceletes, os brincos e os longos pregos para os cabelos.

A variedade dos enfeites, não é só no corpo, mas também nas armas, nos instrumentos musicais, nos utensílios. Cada clã, cada cerimônia, cada homem ou mulher, têm seus adornos apropriados.

Temos a Cesta funerária que é uma grande bolsa, trançada com broto de palmeira babaçu, destinada a receber definitivamente os ossos de um defunto, antes de serem mergulhados na água. Sua parte exterior é espalmada de pasta vermelha, enfiam-se na cesta, pelas duas

Boe et-au kajewu e a denominação para todos os adornos usados ao redor da cabeça, mas o mais importante, o mais significativo é o *Pariko*, tanto que os Bororo foram denominados também de “Coroados”, na época dos primeiros contatos.

Pariko é de penas de arara usadas em todos os rituais, tanto os associados à caça ou a uma farta pesca, a nominação das crianças ou a perfuração dos *ipare* (rapazes) ou à perfuração dos lóbulos das orelhas das *noguare* (moças) quanto os relacionados ao ciclo fúnebre, que praticamente conduz a vida na aldeia, pois é raro não haver um morto enterrado no centro do bororo o pátio.

Os diversos clãs que compõem a aldeia possuem, cada um patrimônio específico de *Pariko-Doge* que não pode ser feito por outro clã, só se for por previa autorização. Os *Pariko* são preciosos para nós, *Bororo*. Enfim, os nossos adornos são importantes para o nosso dia a dia e, principalmente, para os nossos rituais sagrados.

CAPÍTULO II - O BOE BORORO E A EDUCAÇÃO TRADICIONAL E A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Trataremos da relação do povo *Boe Bororo* com a educação tradicional e da importância da educação escolar indígena a serviço da revitalização da cultura Tradicional.

2.1 Educação Indígena Bororo

Começo esta parte do trabalho com a fala da senhora Berenice Xuaro, minha sogra, onde ela fala de como é a educação do menino dentro da nossa tradição.

De acordo com Berenice Xuaro, antigamente as casas eram bem próximas umas das outras, mas uma criança não ia na casa do outro, pois as mães sempre colocavam medo para seus filhos. As mães diziam para seus filhos: “fiquem quietos aqui”, “não vai lá que aquele senhor vai te bater, vai mandar o iodo dele em você, vai cortar seu pênis”, assim diziam os antigos.

Aprendi, desde pequeno, que a futura mãe se preocupa seriamente com o filho que deve nascer, pois deseja que seja sadio e bonito. Para isso se esfrega com muita frequência o ventre com folhas de *okoge erubo getal*, remédio sagrado para que a criança seja bela como esses peixes. O recém-nascido recebe da mãe tratamentos para que adquira feições do nosso povo. Assim são-lhes delicadamente comprimidos a cabeça, o queixo e o nariz: este para que se desenvolva curto e arredondado.

Quando um *Bororo* vai crescendo, ele recebe cuidados especiais pelo uso de remédios e preventivos de segredos *clânicos*. Pode receber uma infusão de folhas de *kuieje kuriréu ojurúbo*, vegetal sagrado, para ficar bem bonito. Pinturas de carvão pulverizado de *kudóboe erúbo*, vegetal mágico dos quatis, executadas nas pernas e braços, protegerá o futuro rapaz contra quedas do alto das árvores ou lhe evitará fraturas dos membros. As folhas de *jugo-dóge etóre erúbo*, dos queixadas, esfregadas sobre os pés, farão com que a criança não gatinhe mas comece logo a caminhar. Outros vegetais mágicos, há para que não chore e fique sossegada, para que comece a falar logo. O *kíe etóre erúbo*, planta dos filhotes de anta, é usado em banhos para que cresça forte como crias de anta. Há também amarraduras de embiras ao redor do peito, dos pulsos, dos tornozelos, destinadas a fortalecer o menino.

A mãe dá muitos banhos na sua criança. Para ninar os filhos, a mãe prepara um *béto paraduréu*, (esteira que balança). Nela coloca-se a criança que pode ser balançada com pé por meio de uma corda de comprimento conveniente presa à rede.

Se a mãe falecer ou houver impedimento desta por questões de saúde, os meninos Bororo são acolhidos, não apenas pelos pais e parentes, mas por todos que direta ou indiretamente se preocupam com sua educação.

Na nossa lei, o filho o filho não é inteiramente dos pais apenas. Ele pertence, antes de tudo, ao povo, a sua metade, a seu clã e sub-clã. Por isso, a educação, além de ser de responsabilidade individual da mãe e do pai, é obra social pela qual todos os membros da comunidade sentem obrigação. O castigo físico das crianças, em geral, não existe. Usa-se o sistema da intimidação e da ameaça de perigos supersticiosos, por exemplo, falamos e fazemos medo as crianças com o *marugódu*, largarta, que substitui o conceito de nosso bicho-papão dos brancos

E por via de regra os nossos filhos escutam respeitosamente as palavras dos pais e dos mais velhos, depois quando crescem fazem como querem. Um grande ensinamento dentro da educação indígena é a educação que é passada pelos discursos noturnos dos chefes e anciães. Outros grandes momentos de aprendizagem são os passados nas inúmeras festas e representações, nos quais os meninos são iniciados. A criança, desde que nasce, vai aprendendo, no dia a dia e na observação dos acontecimentos diários da casa e da comunidade que a educação Bororo acontece.

Segundo a professora Luciene *Jakomearegecebado*, *o Bororo é um povo unido, acolhedor e que sabe compartilhar seus alimentos e sentimentos uns com os outros, valorizando e respeitando o que lhe resta da sua cultura. O povo educa os seus filhos de acordo com o seu costume. A educação é passada de pai para filho, no seu dia-a-dia. A menina aprende os afazeres da mulher, como cuidar da educação dos filhos, atividades domésticas, artesanatos e frequenta a escola onde aprende a lê e escrever e conhecer outras culturas. O menino também aprende os afazeres do homem, ajudando ou participando da caça, pesca, alguns rituais e frequenta a escola onde adquire outros conhecimentos.*

Lembro aqui um grande ensinamento para os meninos que acontece no ritual mais sagrado para o povo Bororo, o funeral, onde a comunidade toda se envolve por meio dos seus sentimentos e todos, por sua vez, tem a participação na Casa Grande (Baito).

Assim o povo segue educando os filhos da sua maneira e ensina o que lhes restam da sua cultura com a língua materna e alguns rituais que ainda praticam.

De acordo com professor Bororo da aldeia Córrego Grande, Evaristo Kiga, *a educação vem da comunidade, vem desde que o filho nasce. Na minha etnia Bororo, ensinamos como respeitar os outros e também como os outros respeitar ela. Então a educação na etnia Bororo respeita a natureza, ensina o que é vida, o que é ruim o que é bom. Há várias educações: a educação de como fazer uma coisa, como trabalhar, como fazer artesanato. Ensina sobre a terra, água, natureza. A educação não é só dos clãs, do pai, da mãe é de todos.*

Assim a educação tradicional acontece, a partir do nascimento da criança e é repassada de pai para filho, de mãe para filha. A criança, o menino e a menina vão aprendendo em todas as fases de sua vida, tem o momento certo para cada coisa. E na escola ela não aprende assim, elas não aprendem coisas da casa, das nossas leis porque só aprendem no dia a dia. Na escola ela aprende a ler, escrever, estudar história, geografia, matemática, para saber as coisas de outras sociedades, do meio dos brancos.

O professor Evaristo também falou que na escola aprende-se a fazer as contas dos brancos para não ser enganado. Como se conta o dinheiro. A leitura é importante para ler os documentos, saber quando chega um projeto, o que ele tem. Saber ler o projeto e saber explicar também, se ele interessa ou não. Pode aprender muita coisa pra viver melhor. Mas aprende a vida mesmo é na comunidade.

Precisamos acreditar nisto, e nós professores precisamos saber usar os conhecimentos, saberes do nosso povo dentro da escola, para quem sabe, conseguir ensinar os nossos alunos do jeito que se ensina na nossa cultura. A seguir veremos sobre a história da escola em nossa comunidade.

CAPÍTULO III - O CICLO DE VIDA DO MENINO BOE BORORO NA CULTURA TRADICIONAL

Agora vamos discutir sobre a infância e a adolescência do menino Boe Bororo.

3.1 O menino Boe Bororo

Quando a criança Bororo nasce é levado pela família do pai até a casa da avó, onde a criança é pintada e unguida com remédio para que cresça firme e forte. Os pais não podem ter relação sexual, por um determinado tempo, ou seja, até a criança ficar forte porque o remédio não terá forças para proteger o corpo da criança. Depois é entregue a mãe, enquanto a mãe fica cuidando da criança em casa. Quando a criança vai ser batizada ou receber o nome em Bororo, cabe ao pai comunicar o capitão e a mãe avisa os tios, e juntos começam a escolher nome para a criança, sendo que o nome dado a ele pertence à mãe. O marido é o responsável para caçar e pescar para o sustento da família.

Dentro da cultura Bororo, a língua não é ensinada, a criança aprende ouvindo e praticando com seus pais em casa. Depois que a criança pega certa idade é certo tamanho, o menino é considerado companheiro do pai, onde aprende a fazer alguns artesanatos como arco e flecha para usar na caçada e pescaria. Quando o homem sai para sua caçada não pode ficar fumando cigarro enquanto arruma seu arco e flecha, porque não terá sorte.

Quando sai para caçar leva junto o seu filho, momento em que ensina os remédios para ter sorte de animais de porte grande e médio. Ensina também atirar com arco e flecha, e as aves e animais que podem servir de alimento são só depois de benzido pelo pajé e também aqueles que servem de oferenda a um finado.

O pai ensina também que não pode sair por aí matando certos animais como anta, capivara, jacaré, ema, seriema, e etc, porque pode acontecer algo de errado com ele com alguém da família. Já na pescaria usa os remédios para se proteger da ferrada da arraia e ter sorte para pega peixe grande.

Esse ensinamento que é repassado de pai para filho é para que um dia aprenda a colocar em prática tudo aquilo que aprendeu com o pai. Ainda não pode caçar e pescar com as almas, só depois de ver *aije*, (grande zunidor). Depois que viu é considerado homem, está liberado para andar com as almas, podendo até se casar. Quando há casamento, os *Tugarege* se casam com *Ecerae* e vice-versa.

3.2 A Iniciação do Menino Bororo

Esse ensinamento que é repassado de pai para filho é para que o mesmo, um dia, aprenda a colocar em prática tudo aquilo que aprendeu com ele. O mesmo ainda não pode caçar e pescar com as almas. Quando acontece o ritual, depois que viu *aije* é considerado homem e está liberado para andar com as almas, podendo até casar. Quando há casamento os *Tugarege* casa com *Ecerae* e vice-versa, mas hoje vejo que essa regra esta sendo desrespeitada pelos mais jovens, por falta de orientação dos pais, quase não se vê mais diálogo entre pais e filhos por isso casando muito cedo causando sérios problema como gravidez não programada, criança nascendo com problema.

Quando uma criança Bororo *Ceraedo* completa dez anos, já está pronta para ser iniciada. Já o *Tugaregedu* pode depois dos quinze anos de idade. A mãe fala com seu tio mais velho que gostaria que seu filho fosse ver *aije* e ele comunica no *baito* para os *ainciões*, quando chega o dia da iniciação, a mãe, juntamente com avó, pinta ele, depois seu tio pega na sua mão e leva para o *baito*. Chegando lá, *ere uigarido ji* os *aije* gritam ao vê - lo.

Depois que viu *aije*, não tem mais preocupação com ele, antes tinha todos os cuidados, porque antes para caçar ou pescar com as almas tinha que ver *aije* por isso tinha todos esses cuidados. Depois de passar por esse processo acaba a, preocupação estando livre e liberado para andar, permanecendo mais no *baito*. Sai para caçar ou pescar sozinho praticando para quando casar não encontrar dificuldade em procurar alimentos, podendo caçar ou pescar com as almas.

Dentro da nossa cultura, a mulher não pode ver *aije*, somente homem. Ainda hoje preservamos isso, a mulher ver começa a passar mal, podendo até morrer, por causa disso que quando chegam os *aije*, as mulheres se escondem dentro da casa, o é também aquela criança que ainda não viu *aij*. Depois que se acomoda dentro do *baito*, as mulheres podem sair das suas casas. Quando uma mulher ou criança vê *aije*, começa a passar mal, chama o *Bari* ou *aroe etuwarare*. Somente eles é que tem esse poder de curar, por isso que não facilitamos e nem brincamos com isso.

Nos dias de hoje, vejo que essa regra não está sendo mais respeitada por falta de orientação, tanto dos pais quanto da comunidade. Antigamente uma criança, antes de ser iniciada, recebia dos pais, dos tios e dos homens mais velhos todas as orientações, porque quando passa a ver *aije* (grande zunidor) têm coisas que ele não pode contar para sua mãe, nem para irmã e nem para seu irmão que ainda não foi iniciado. E um segredo da parte da iniciação que não pode ser contado.

Hoje em dia os pais não estão esperando mais a criança chegar na idade certa, o *Ceraedo* pode ver *aije* ainda pequeno.

Segundo Berenice Xuaro disse: *a partir do momento que o iniciado vê aije, está indo embora de sua mãe e de seu pai, permanecendo mais tempo no baito. Se as almas saem para caçar ou pescar, ele é obrigado a acompanhar, por isso, que as mães não deixam seus filhos verem aije muito cedo. Assim que era, só depois de grande, porque assim saberá como fazer e também como os Aroes (almas), fazem. Era do Baito que o rapaz namorava, observando e escolhendo com qual moça gostaria de casar, acontecia dessa maneira porque o rapaz quando vê aije passa a dormir no baito.*

Hoje não acontece mais isso, Dona Berenice Xuaro disse: ainda que hoje nossos filhos dormem em casa, antigamente não era dessa maneira, por isso, que a criança não podia ver aije muito cedo. Quando passava a dormir no baito, é quando saia com os aroes ou almas e matava bicho ou peixe e passava no baito. Depois é que mandava para aquela moça que ele estava gostando ou namorando, ou dormiu com ela. E a avó bastante experiente já sabia o que estava acontecendo e perguntava para ela quem e a pessoa que teve dor da gente e nos mandou e ela responde foi aquele.

Os pais do rapaz já sabem com quem seu filho está namorando ou dormindo, que futuramente seria a sua nora. Com passar dos tempos, os pais da moça mandavam fazer aroe kuru que quer dizer xixa de arroz, que era uma oferenda da moça e levava até a casa da mãe do rapaz com quem ela estava se casando. Então ela chamava seus irmãos mais velhos no baito, levava a xixa para o baito e comunicava para os homens o casamento do filho. No baiado, todos os demais aconselhavam a não maltratar sua esposa, assim que amanhecia todos saiam para o mato ou rio uns iam caçar, pescar atrás de bicho ou peixe para ele. Antigamente era o sogro, irmão ou sobrinho que faziam isto, primeiro e era bem antes do início do casamento. Depois disso, não se preocupam mais com ele, pois o mesmo já sabia se virar sozinho caçando e pescando, em busca de alimentos para sustentar sua nova família, assim era antigamente.

Aquelas crianças que estão vendo *aije* muito cedo não estão guardando os segredos, não chama a pessoa como deveria ser chamada. Quando a criança ver *aije* e entregue para uma pessoa, essa criança deve chamar essa pessoa de *iorbodare* e ele responde *iordae*. O *iorbodare* faz um *akigo* e entrega para ele como ele e ainda criança, mas quando cresce caça e pesca em recompensa entrega para seu *iorbodare kodokora* bandeja de peixe de bicho, *boekugo* arroz feito no caldo de peixe ou bicho.

Hoje vejo que essa regra não esta sendo mais respeitada, por falta de orientação dos pais. Dentro da nossa cultura existe uma idade certa para a iniciação no qual os *ecerae* podem ver bem pequenos já o *tugaregedo* só depois de grande. Esse respeito de chamar um ao outro não está sendo mais praticado, usa muita a palavra padrinho que não existe.

3.3 O cotidiano do menino

Falarei a seguir sobre as principais atividades do menino, desde que nasce até a sua idade adulta.

A criança, depois que nasce, recebe todos os cuidados dos pais durante a fase de crescimento. Quando fazem carinho na criança sempre fala na língua materna. Durante sua fase de crescimento de 0 a 3 fica mais em casa, onde ele aprende as lições com a mãe, tudo que ela pratica no dia a dia sempre falando na língua materna. Nossas crianças Bororo aprendem muito ouvindo os pais a falarem na língua nomes de objeto, alimentos, frutas animais, aves, historia e etc. Em casa, ajuda muito sua mãe aprendendo a cuidar dos irmãos, para quando formarem sua própria família não encontrarem dificuldades. Ainda nessa idade nossas crianças têm medo de ficar longe de mãe, sempre procuram brincar bem mais próximo de casa.

Assim que completam os quatro anos de idade vão para escola, onde interagi com outras crianças, na escola ele aprende a ler e escrever conhecendo outra cultura diferente, do não indígena, mas sem deixar de praticar sua própria cultura.

Numa entrevista com o senhor Joaquim Toroa disse: *que ensinava flechar, ensinava fazer esse nonoreu com palha de palmeira, igual a gente estava fazendo com as crianças nas aulas de arte, ensinando esse nonoreu, jugo peguru esse akigu que eles brincavam, atubo burea, barogo jai, pé de galinha fazia com um pedaço de barbante, ele disse que brincava com aquilo muito.*

Disse ainda que quando ficava mais grandinho, ele saia fora para brincar como matar bichinho como calanguinho, passarinho. Fazia tudo com seu arco e flecha, até quando ia ver aije, depois passava por outro esquema.

Ele falou que recebia ensinamentos e conselhos para não fazer assim, não falar assim, acreditar nas pessoas mais velhas, nos tios mais velhos. Os conselhos eram para ele obedecer. Uma coisa muito importante que ele falou foi que os brancos educam mais no papel e que nós Bororo educa mais falando. Por causa disso antigamente existiam muitos capitães, tinha gente

que educava o filho assim, os capitães ensinavam para seus filhos os cantos para eles ficar sabendo.

E isso me deixa um tanto preocupado, pois hoje não temos mais esses ensinamentos, por isso, está acabando. Temo que um dia não vai ter mais nenhum capitão. O sr. Joaquim me disse algo que ficou na minha cabeça, falou que todo menino tem a obrigação de aprender a fazer o seu arco e flecha, ensinado pelo pai. Entendo isto que temos uma grande responsabilidade para revitalização e conservação da nossa cultura.

3.4 História da Escola de Tadarimana

É importante falar um pouco da realidade escolar da minha aldeia, assim começarei falando da história da aldeia e da escola até os dias atuais.

Foi conversando com os mais velhos, com os professores e puxando na memória que digo que *Tadarimana* foi fundada nos anos 70, por cinco famílias. Esses formaram esta aldeia, sendo Sr. Hermes *Borobó*, Sr. João, Sr. José *Kiga*, Sr. Roberto *Kudureu* e Sr. Antonio *Adugo* que na época era um pajé muito forte. Essas famílias vieram da antiga aldeia que era *Pobore*. Na época esse povo era comandado pelo chefe da Funai conhecido por Lázaro e logo depois vieram outros chefes que administraram os trabalhos junto com os Bororo nessa fundação da nova aldeia. Nessa época, uns dos chefes que administrou essa comunidade foi o senhor. Valdeci da Funai e sua esposa que trabalhou na educação das crianças, construiu uma escola indígena nessa aldeia pela primeira vez. Nesta época era chamado *Pobore Raireu*, que na língua significa correnteza muito forte.

Essa aldeia foi fundada porque estava acontecendo problemas muito tristes com os *Bororo* da aldeia *Pobore*. Por esses motivos houve a mudança desse povo da aldeia para construir outra aldeia, devido ao problema de bebida alcoólica, pois era muito perto da cidade e as pessoas tinham contato com os brancos. Pelo o que acontecia os administradores da Funai resolveram levar os *Bororo* para um lugar mais longe para que evitassem o problema que estava acontecendo na aldeia *Pobore*. Assim os familiares foram se espalhando de um lugar para outro, uns desceram para aldeia Córrego Grande, outros foram para o *Meruri* e o restante subiu para a margem do Rio Tadarimana.

Na época da Fundação, foi construída uma escola, posto de saúde, posto dos administradores da Funai. A comunidade, nessa época, era muito unida na organização de trabalhos comunitários e nas realizações de seus ritos culturais.

Com o passar do tempo, essa comunidade foi aumentando. Chegaram mais famílias de outras aldeias para morar nessa aldeia *Tadarimana*. Isso foi em 1972 quando houve esse aumento da população do povo *Bororo*, desses familiares são Sr. Valdomiro *Arigau Cereu*, Sr. José *Buke*, Sr. Joaquinzinho *Komari*, Sra. Cecília *JirieTuje*, Sr. José *Kanajo*, Brasil *Ariraiwu*, Sr. José *Baigabe*, Sr. Felipe e Sra. Tereza *Jakace*.

Depois chegaram mais famílias nesse lugar, formando uma comunidade maior, contando com os parentes e filhos. Entre eles, estavam o senhor. Eduardo *Koge*, senhor. Avelino *Makau*, Sr. João *Kaio*, Sr. Antonio Carlos, Sr. Coqueiro. Quando já estava muito bem organizado, aconteceu um problema muito triste com os moradores dessa aldeia, uma enchente que destruiu as casas que havia na primeira aldeia que ficava na beira do Rio *Tadarimana*. Com isso, houve mudança do espaço da aldeia construída desde a fundação do lugar. Depois desse acontecimento, a comunidade construiu uma nova aldeia que é a atual. Com o acontecido, muitas pessoas foram embora para outras aldeias. Os que ainda moram neste lugar e formaram esse espaço da aldeia, dessas pessoas, seus filhos cresceram, deles formaram outras famílias e aumentou o número da população.

Na época em que foi formado o novo espaço da aldeia, houve alguns senhores que organizaram o espaço físico deste lugar como o Sr. Otávio Kodo que, na época, também era enfermeiro, junto com o senhor José Miguelão. Foram eles que organizaram as famílias, colocando em ordem, pertencentes aos seus clãs e sub-clãs.

A partir disso, que o povo começou a desenvolver os trabalhos, fazendo crescer a comunidade. Com isso, foi construída a Escola, Posto de Saúde, Posto de Administração da Funai, tornando a ser construído tudo que havia sido destruído pela enchente. Neste lugar, ainda se encontram algumas pessoas pioneiros. Hoje pode-se observar o aumento da população *Bororo* que vive nessa aldeia *Tadarimana* já mais desenvolvida do que era antes pelo o seu conhecimento mais avançado. Aqui eles vivem suas culturas, artes e novas técnicas de viver atualmente.

3.5 A Escola de *Tadarimana* hoje

Hoje temos a escola praticamente dentro da aldeia já bem avançada com sua autonomia. Nossas lideranças, com bastante luta conseguiram a escola para a comunidade. Com passar do tempo, os *Bororo* começaram a perceber a importância de uma escola dentro da comunidade, mas não deixando sua prática cultural. Antes, a coordenadora era uma não

indígena, hoje é um índio que assumiu a direção da escola, a escola tem seu conselho próprio, e o Projeto Político Pedagógico PPP. Todos os professores são os próprios indígenas, a escola está organizada em ciclo de formação humana 1º agrupamento e 2º agrupamento da educação infantil, e o Ensino Fundamental 1º e 2º ciclos. A escola não apresentou projetos neste ano letivo de 2016, mas são trabalhados com os alunos na horta e datas comemorativas como dia do índio, dia das mães, dos pais, etc. Os professores que hoje trabalham são quatro mulheres Bororo e três Agentes de Serviços Diversos.res, um coordenador dos projetos de recursos federais e um coordenador pedagógico. São 84 alunos matriculados no período vespertino e noturno, sexto ano ao ensino médio, é de responsabilidade do Estado, e funciona como salas anexas à Escola Estadual do Campo Sete de Setembro, na vila Galileia, município de Rondonópolis. E também a Educação de Jovens e Adultos, todos funcionam dentro da Escola Municipal Indígena Leosídio Fermau, antes a escola oferecia vários projetos, hoje o que ainda está sendo executada é o Mais Cultura.

Hoje trago uma grande preocupação, uma vez que a escola de Tadarimana nesses dois últimos anos, tem perdido as características de uma escola indígena, a influência de pessoas que não são *Bororo* e não indígenas tem prejudicado o desenvolvimento de projetos didáticos que tratam de questões da realidade da comunidade, trabalhando somente coisas do meio dos brancos.

A escola precisa envolver as famílias, e os anciãos. É preciso fazer projetos que valorizem a nossa cultura e penso que este meu trabalho será muito importante para retomarmos a discussão de uma escola indígena diferenciada e específica.

Na escola temos condições de discutir e valorizar os conhecimentos da cultura, das leis Bororo, uma vez que ficamos mais de quatro horas por dia com meninos e meninas, em fase de aprendizagem.

Portanto, vejo a escola como um lugar de aprender sobre outras culturas e, principalmente sobre a nossa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje a estrutura da aldeia esta diferente de como era antes, as famílias estão deixando de construir no grande circulo, ou seja, com aumento da população dentro da aldeia central começaram a espalhar as construções em volta do campo de futebol, mas quando acontecem os rituais Bororo todos se reúnem na aldeia central.

Atualmente a população da aldeia *Tadarimana* é de aproximadamente de 356 pessoas, deste número temos 51 crianças de 0 a 10 anos. Este público de crianças foi o que foquei na minha pesquisa, uma vez que é nesta faixa etária que os meninos e meninas aprendem sobre a tradição e também é a época que vão à escola.

Durante todo o meu trabalho de pesquisa, quando conversei, e observei o desenvolvimento das crianças da comunidade, percebi que se a nossa cultura parece um tanto esquecida é simplesmente por falta de informação. Quero dizer aqui é que se os pais ensinarem seus filhos eles irão aprender.

Tanto, quando acontece um ritual na comunidade, vemos o envolvimento de todos, inclusive das crianças. Quando acontece um funeral, a comunidade muda, todos ficam atentos, o clima é outro. Não se ouve nem canto de passarinho, os cães não latem, parece que até os bichos e aves sentem a força do ritual. Há uma mistura de sentimentos, de alegria e tristeza, enfim, por vivermos isto é que acredito que não deveremos deixar que falem da nossa cultura, que os *Bororo* estão deixando os rituais acabar.

Finalizo este trabalho com a certeza que esta graduação me possibilitou conhecimentos e me deu força para acreditar no meu povo, nas nossas leis. Termina a Pedagogia Intercultural com a minha identidade indígena fortalecida e com orgulho de ser *Bororo*.

CONSULTORES NATIVOS

Berenice Xuaro.

Joaquim Toroa